



MICROTERRITORIALIDADES DISSIDENTES: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO LGBTQIAPN+ EM UBERLÂNDIA

Juliano Henrique Xavier Cavalcanti ¹
Latifah Nunes Fileto ²
Guilherme Alves Viso ³
Luara Martins de Oliva Santos ⁴
Vitor Ribeiro Filho ⁵

RESUMO

As microterritorialidades do grupo LGBTQIAPN+ são determinadas pelo tempo e espaço em que se analisa. Tomada a sociabilidade como princípio motivador dessas formações sociais, o estudo busca compreender espacial e interseccionalmente como estão distribuídos esses lugares em Uberlândia na atualidade. Para identificação das microterritorialidades, utilizou-se como ferramentas de pesquisa a busca pelos lugares através de palavras-chave em redes sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp), encontrando nove lugares. Duas tipologias foram firmadas tomando a função dos lugares, assim, lugares 'Afetivo-sexuais' e 'Bares e Boates' foram agrupados. Para uma análise profunda, utilizou-se a observação participante como metodologia, onde avaliou-se a paisagem das microterritorialidades a fim de identificar os símbolos de representação do grupo, bem como promover um debate interseccional a despeito dos marcadores que atravessam os sujeitos que compõem esta comunidade. Como resultado, analisaram-se cinco bares e boates da cidade, onde observou-se que nem todas as microterritorialidades carregam em seu ambiente símbolos de reconhecimento do grupo, porém, neles há outros elementos como música, artistas e apresentações que dialogam diretamente com essa cultura. A interseccionalidade é um fator central na distribuição e concepção das microterritorialidades, visto as diferenças significativas existentes entre os lugares, a depender do bairro em que se localizam.

Palavras-chave: Microterritorialidades LGBTQIAPN+; Sociabilidade LGBTQIAPN+; Lazer LGBTQIAPN+.

ABSTRACT

The microterritorialities of the LGBTQIAPN+ group are determined by the time and space in which they are analyzed. Taking sociability as the motivating principle for these social formations, this study seeks to understand spatially and intersectionally how these places are distributed in Uberlândia today. To identify these microterritorialities, the research tools used were a search for places through keywords on social media (Facebook, Instagram, and WhatsApp), which resulted in nine locations. Two typologies were established based on the function of the places: 'Affective-sexual' places and 'Bars and Nightclubs' were grouped together. For an in-depth analysis, participant observation was used as a methodology, where the landscape of these microterritorialities was evaluated to identify the group's representational symbols, as well as to promote an intersectional debate about the markers that affect the subjects who make up this community. As a result, five bars and nightclubs in the city were analyzed, and it was

¹ Doutorando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, julianocavalcanti14@gmail.com;

² Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, fileto.geo@gmail.com;

³ Doutorando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, visoguilherme@gmail.com;

⁴ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, luaramartinsoliva@gmail.com;

⁵ Doutor permanente, Universidade Federal de Uberlândia- UFU, ribeirofilhovitor@gmail.com.



observed that not all microterritorialities have symbols of group recognition in their environment. However, they do have other elements like music, artists, and performances that directly connect with this culture. Intersectionality is a central factor in the distribution and conception of these microterritorialities, given the significant differences that exist between the places, depending on the neighborhood where they are located.

Keywords: Microterritorialities LGBTQIAPN+; LGBTQIAPN+ Sociability; LGBTQIAPN+ Leisure.

INTRODUÇÃO

O contexto político recente marcou de forma significativa as vivências e experiências espaciais da comunidade LGBTQIAPN+. Para além disso, houve a pandemia do COVID-19, o que ampliou o escopo de preocupação sobre o grupo, principalmente em relação às transexuais que se viram vulneráveis alvos de discursos de ódio públicos e a impossibilidade de subsistência daquelas que sobrevivem da prostituição. Questiona-se, diante deste panorama, como estão organizadas espacialmente as microterritorialidades deste grupo? Frente às implicações econômicas, sociais e políticas, quais são os lugares em que eles exercem sua sociabilidade? Uberlândia-MG, em sua plurivocidade, expressa a força e resistência desta comunidade frente às inconsistências da política local, que insistentemente busca apagar sua existência através de leis e normativas punitivas a elas, bem como pelo não auxílio à suas demandas.

Assume-se a sociabilidade como um dos fatores onde a totalidade do grupo se intersecciona. O conceito permite a exploração das múltiplas formas e sentidos dados às lugaridades e territorialidades LGBTQIAPN+ cristalizadas no espaço. Para Maia (2001, p. 9), a sociabilidade pode ser entendida como uma ação de cunho voluntário e livre entre indivíduos. Para a autora, as escalas de interação vão do contato simples e pontual, passando por encontros e relações duradouras, chegando às expressões corpóreas afetivas e sexuais. Evidencia-se que não há linearidade entre as relações pontuadas, porém, depondo-se desta maneira, clarificam-se os níveis de intimidade possíveis no jogo social.

Uberlândia, município com 713.224 habitantes (IBGE, 2022), está, segundo Mota (2019), inserida em uma lógica de culturalização, advinda da dinâmica de produção que amplia em seu processo de crescimento os espaços de cultura e entretenimento voltados a públicos variados. Aos LGBTQIAPN+, a cidade exerce uma força centrípeta na região, pois têm-se disponíveis estabelecimentos que servem ao turismo destes sujeitos diante de suas necessidades (Freitas e Português, 2015). Há, somando-se ao lazer, a especialização comercial voltada a esses sujeitos, bem como movimentos políticos e sociais.



Sobre essas bases, objetiva-se identificar as microterritorialidades LGBTQIAPN+ de Uberlândia. Desejado manifesto de compreender o objeto em sua totalidade, propõe-se assim a análise sobre os espaços onde todas as sexualidades, identidades e expressões de gênero estejam incluídas, não sendo atingidas por processos de exclusão intragrupo. Desta forma, a pesquisa e o debate subsequente basear-se-ão nos locais onde o livre expressar se faz presente, como bares e boates. Na seleção dos espaços, optou-se por esta tipologia, pois há em alguns espaços ações discriminatórias sobre corpos como os de travestis e transexuais (homens e mulheres).

As dinâmicas na produção do espaço, bem como os fluxos da política institucional, fazem imperativo a existência e produção de trabalhos deste teor. Efetivamente, este trabalho visa contribuir ao debate sobre as questões de gênero, sexualidade, identidade e expressões de gênero na ciência geográfica que há pouco tempo vislumbra esses marcadores sociais como importantes à produção do espaço. Necessita-se de mapeamento e identificação desses lugares, visto a baixa produção de como eles estão organizados espacialmente, bem como pela dinâmica e fluxo de mudanças dos mesmos. Somando-se a isto, existem poucos estudos efetivos no município, que se propõem a compreender o grupo em sua totalidade, política e cultural.

METODOLOGIA

O processo metodológico se fundamenta em uma revisão bibliográfica sobre o tema. Para o levantamento das microterritorialidades, fez-se, num primeiro momento, pesquisas em guias locais, jornais e revistas (online); posteriormente, voltamo-nos às redes sociais, principalmente as da rede Meta (Instagram, Facebook, WhatsApp). Utilizaram-se na pesquisa os seguintes termos: “bar LGBTQIAPN+”, “boate LGBTQIAPN+”, “bar gay”, “lugares LGBTQIAPN+”, “LGBTQIAPN+ Uberlândia” e “LGBTQIAPN+”. As terminologias adotadas dialogam com a intencionalidade da pesquisa, visto as formas mais populares de sociabilidade deste grupo. Valeu-se da incompreensão ou mesmo das formas mais retrógradadas na identificação do grupo nas linguagens populares quando pesquisou-se ‘bar gay’, pois entende-se que popularmente o termo gay já foi usado como termo guarda-chuva em momentos da história do movimento. Identificou-se na pesquisa, nove microterritorialidades.

Findadas essas etapas, sabido quais são os espaços que compreendem nossa pesquisa, fizeram-se incursões in loco entre janeiro e março de 2025. A ida aos lugares possibilitou a consciência de quais espaços ainda eram territorialidades LGBTQIAPN+, se haviam mudado de função ou simplesmente fechado. Sendo a sociabilidade um conceito amplo, nossa pesquisa nos mostrou diversos espaços que o grupo frequenta. Sendo assim, fez-se necessário classificá-



los em tipologias a fim de selecionar e afunilar nossa pesquisa. Dos nove espaços encontrados, quatro eram lugares voltados às relações afetivo-sexuais. Fizemos incursões aos locais privados apenas no intuito de confirmação de sua existência, não os analisamos e debatemo-los neste texto por compreenderem apenas o subgrupo gay.

Portanto, as tipologias foram as seguintes: 1) espaços de relações afetivo-sexuais; 2) espaços de lazer (bares, pubs e boates). Pautamos nosso debate sobre a segunda. Reconhecidas as microterritorialidades ainda existentes, nossa análise se voltou aos aspectos socioculturais desses espaços. Inicialmente, identificou-se a existência de símbolos de reconhecimento do grupo. Em seguida, propõe-se ao debate compreender as interseções entre marcadores sociais na corporalidade dos frequentadores dos espaços, promovendo uma discussão interseccional a respeito de como esses lugares absorvem a pluralidade e plurivocidade dos sujeitos que compõem a comunidade. A observação participante nos possibilita, segundo Gil (2002) compreender a dinâmica do lugar, graças a liberdade na interação entre pesquisador e objeto de pesquisa. Assim, acredita-se que a proximidade com as microterritorialidades estudadas nos garantirá uma compreensão mais completa da realidade envolvida nas relações sociais estabelecidas por este grupo na sua sociabilidade.

Como técnica metodológica, produziram-se dois mapas, o primeiro contendo todas as microterritorialidades e o segundo identificando os bares e boates correspondentes à nossa análise e debate. Reafirma-se que nossa intenção com a pesquisa é a compreensão das microterritorialidades onde todos que se identificam como parte da comunidade LGBTQIAPN+ possam frequentar. Assim, a escolha por analisar esses espaços se justifica devido às características dos mesmos e seu alto fluxo desses sujeitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Materializados no espaço, lugares de sociabilidade LGBTQIAPN+ formam-se as microterritorialidades. Enquanto objetos espaciais, esses locais transformam a arquitetura do lugar, impactam seu entorno, impondo uma nova dinâmica entre os moradores e a comunidade LGBTQIAPN+ que infere outros fluxos nele. Altera-se a paisagem, fluxos e funções. Prédios, casas e estabelecimentos modificam suas funcionalidades, sobretudo, no período noturno (Mota e Laurentiz, 2019, p. 56). Há nos microterritórios, a depender da relação desejada, um arrolamento dinâmico com outros grupos sociais que são identificados rapidamente na paisagem devido à expressão de marginalidade dos indivíduos que os compõem. Patrício (2022) aponta que esses espaços na cidade possuem uma forte coesão interna, pois a partilha deles



ocorre por grupos que se portam frente aos costumes sociais hegemônicos, sendo marginalizados como os LGBTQIAPN+, étnicos, migrantes e outros que são excluídos socialmente.

Muller, Machado e Folmer (2021) afirmam que as microterritorialidades são formadas pela tríade dialética sociedade, indivíduo e espaço. Os papéis desempenhados entre os elementos possuem pesos e medidas condizentes à sua força na construção e reprodução do espaço. O primeiro é o ente superior, que impõe e determina regras e normas no amplo espectro da sociabilidade; o segundo é o agente em efetivo, que interage e, a partir da apropriação, domina os espaços, territorializando-os; o terceiro constitui a base material, onde as relações sociais e do indivíduo com o meio ocorrem. Os autores afirmam que esta forma de territorialização se efetiva por meio das manifestações culturais, das práticas e interações corpóreas, nas objetividades e subjetividades que as identidades em interação são capazes de produzir.

O indivíduo, para Cortés (2008), vive sob constante vigia. O autor, ao relacionar a arquitetura e as vivências LGBTQIAPN+ no espaço, afirma a existência de tecnologias políticas que colocam todos sob uma lente. A arquitetura panóptica objetiva perpetuar a consciência do indivíduo “sempre sob controle, ao mesmo tempo que modifica as formas sociais de se relacionar e origina práticas que tratam de converter a multidão desconexa e indiferenciada em uma coleção de indivíduos reconhecíveis e marcados” (46).

Em suas análises sobre a formação de microterritorialidades, Costa e Heidrich (2007) desenvolvem a ideia da sociedade superior ao indivíduo, ou seja, a coletividade é posta qualitativamente mais relevante frente aos desejos e demandas particulares. Para os autores, a sociedade se apresenta como uma estrutura mecânica onde os sujeitos são peças a desempenhar funções. A civilização, neste sentido, é a condição da coletividade, o contraponto à irracionalidade dos impulsos do princípio dos prazeres, sendo eles “selvagens”. Constrói-se assim, a ética de vigilância e regulação dos corpos, conduzindo-os a subculturas marginalizadas.

Através destas ferramentas, o sujeito que não se adequa às normativas sociais impostas é marginalizado. No enfrentamento à heteronormatividade e à consequente exclusão social de sujeitos plurais, é que são formadas suas microterritorialidades. Estes espaços se estabelecem sobre o crivo do permitido-proibido, como apontam Muller, Machado e Folmer (2021). Em princípio, os LGBTQIAPN+ ocuparam espaços públicos, com o avanço de suas pautas passaram a ocupar outros lugares como bares ou até mesmo construir seus próprios ambientes.



Forma-se neste processo, para além da materialidade, símbolos e signos que exteriorizam os desejos e intencionalidades daqueles que frequentam esses espaços (Davi, 2011).

Subjugados a uma lógica capitalista que sobrepõe o próprio espaço urbano, a reflexão das microterritorialidades do grupo LGBTQIAPN+ vê-se não só como uma construção do grupo às suas demandas e necessidades, mas também um diálogo com este processo que em seu fim próximo tem como objetivo a acumulação de capital. O urbano, espaço de contradição e disputa, de tempo efêmero e espaço amnésico, como afirma Carlos (2005), nos leva ao entendimento de sua dinamicidade e mudanças espaço-temporais. As práticas sociais, os espaços ocupados por grupos sociais em seus processos, também respeitam ou participam da complexidade dos movimentos de produção, ou seja, nas mudanças morfológicas que o urbano expressa.

Compreendendo essa perspectiva, considera-se que as microterritorialidades do grupo LGBTQIAPN+ alteram-se sistemicamente quando o próprio espaço muda. A dinâmica que exerce sobre comércios e serviços na cidade também influencia na promoção e produção de lugares onde este grupo vá se socializar. Objetivamente, as mudanças nos locais destes sujeitos ocorrem sobre dois parâmetros distintos, visto que muitas de suas territorializações ocorrem em locais com fins outros, a exemplo dos banheiros e locais de pegação pública, que a partir de políticas ou mesmo alterações nas dinâmicas do cotidiano impossibilitam ou diminuem a possibilidade de que esses encontros ocorram.

Tomando os lugares que são feitos para a sociabilidade do grupo, tem-se, como já mencionado, a necessidade de lucro como fim de seu propósito. Certamente, isso é um fator que possibilita continuar ou não com o estabelecimento. Em Uberlândia, nos últimos dez anos, apenas um estabelecimento resistiu, permanecendo ativo e no mesmo lugar. Apresentando um estudo sobre territorialidades LGBTQIAPN+ na cidade, Bruno de Freitas (2016) identificou nove lugares, dentre eles há a “Sauna 171”, estabelecimento voltado às práticas afetivo-sexuais de gays, que atualmente ainda continua em exercício. Cavalcanti (2024), em sua análise sobre os lugares de sociabilidade do grupo, identificou 25 lugares no total. Desses, seis são voltados às práticas afetivo-sexuais e oito são bares, boates, clubs e pubs.

Observa-se nos estudos a complexidade no espaço-tempo da cidade, ou seja, na alteração espacial existente entre os dois períodos mencionados. No primeiro, os espaços se concentravam principalmente na área central da cidade. No segundo, dois setores da cidade concentram os lugares, são eles o setor Sul e o Central. Mesmo esses setores sendo destaque, Cavalcanti (2024) demonstra que há lugares do grupo em várias partes da cidade, evidenciando que houve um aumento não só no número de locais, mas que eles estavam distribuídos pelo espaço urbano de forma mais ampla.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Feitos os apontamentos a respeito de estudos pretéritos, detemo-nos às microterritorialidades encontradas na atualidade. Observa-se na busca por locais do grupo LGBTQIAPN+, que há uma variedade de espaços que são estereotipados e comumente vinculados a essas vivências, porém, efetivamente a ida e frequência deles em um determinado estabelecimento não determina como pressuposto que esses são afetos a esses sujeitos. Neste sentido, notou-se na pesquisa que muitos lugares continham postagens relacionando-os à comunidade, mas apenas se tratava de eventos pontuais e específicos onde houve certa concentração deles.

Locais com características específicas da heterossexualidade, como locais de exibição de jogos de futebol, continham marcações que os vinculavam à comunidade. Compreendemos esses espaços como locais Gay-friendly, ou seja, lugares que admitem a sociabilidade e vivência mais plural dos sujeitos, porém não são feitos e formatados para esse público. Sendo assim, esses locais foram descartados da pesquisa, visto que não há na paisagem, nos sujeitos, na sociabilidade, na cultura e nas relações estabelecidas elementos que o aproximem de uma microterritorialidade do grupo. Outro ponto de interesse diz respeito às territorialidades da prostituição, principalmente michês, travestis e mulheres transsexuais que eventualmente se sabe que existem na cidade. Na pesquisa, esses lugares não foram considerados devido à dimensão setorial que elas carregam, por conter e permitir o acesso e permanência de apenas uma das siglas do grupo LGBTQIAPN+.

Estabelecidos os parâmetros, a pesquisa revelou nove microterritorialidades do grupo. Dividiram-se elas em duas tipologias. O primeiro tipo de espaços são os “espaços de relações afetivo-sexuais”; efetivamente, a sociabilidade que ocorre nesses lugares está vinculada às questões de sexo e prazer entre sujeitos que compartilham da mesma sexualidade. Dos nove, quatro lugares pertencem a esta tipologia, sendo eles: Lucas Sex Bar, Sauna 171, Sauna Berlândia, Matinha Parque Linear Uberabinha. As principais características desses lugares são a facilitação das relações sexuais; o encontro com pessoas que se entendem heterossexuais, mas que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo; e ser um ambiente dissimulado quanto ao que ocorre em seu interior.

Efetivamente, tomando os elementos para as análises dos lugares e aquilo que foi proposto para esse trabalho. Esses lugares também deveriam ser eliminados da pesquisa, por

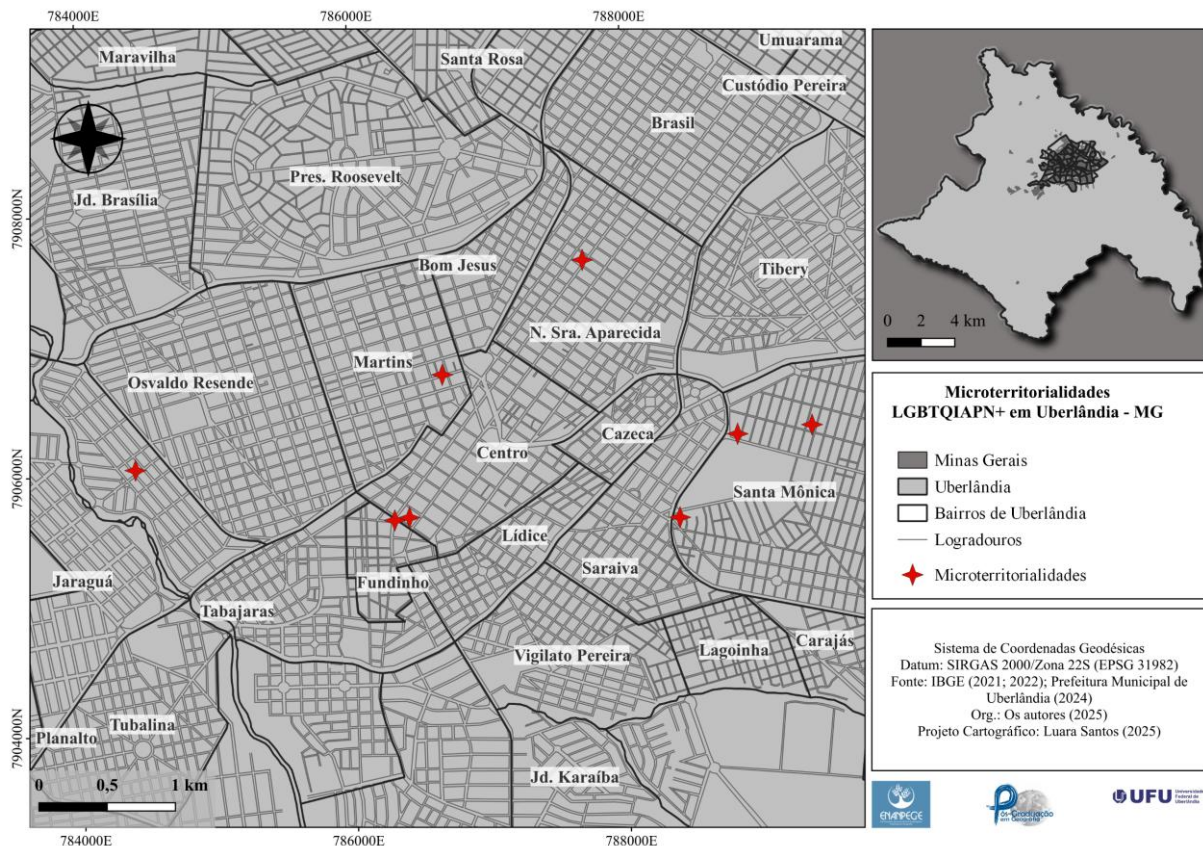


conterem fatores de exclusão, visto que nas saunas e no cruising bar somente são permitidas a entrada de homens cis e transgêneros, bem como não são lugares onde a sociabilidade de forma plena ocorre, visto que há, um propósito em frequentar esses espaços. Porém, ao identificar e exibir os lugares (mapa 1), pode-se observar que há uma concentração desses lugares na área central da cidade, somando-se às outras microterritorialidades. Outro destaque é que a Sauna 171 é o único estabelecimento LGBTQIAPN+ que ainda resiste e permanece aberto após quase dez anos do primeiro estudo aqui referenciado.

A concentração na área central evidencia a compatibilidade da região com o comércio de lazer, sobretudo noturno, que a cidade possui. França (2006), ao apresentar os circuitos de lazer gay em São Paulo, faz uma apreciação do ambiente que remonta a muito o que Carlos (2005; p. 41) afirma, onde diz que o centro em cidades grandes passa por um processo de deterioração e “passam a ser ocupados por casas de diversão noturna, pensões, hotéis de segunda classe, zonas de prostituição”. Em Uberlândia, essa não é uma verdade, visto a força que o centro possui tanto no comércio e consumo, quanto em sua paisagem noturna de lazer e festas.

O que a presença destes lugares no centro demonstra o quão é importante a presença deles em locais de grande fluxo de pessoas, mesmo que a atividade ali exercida seja imbuída de preconceito e discriminação por grande parte da população. Evidencia também que são esses espaços com imagéticas do cotidiano que fortalecem a resistência da comunidade através da subversão da norma hegemônica em locais como os “banheirões”, possibilitando que aqueles que não pertencem ou não se assumem parte da comunidade possam vivenciar sua sexualidade de forma livre em um ambiente seguro e com seus pares.

figura 1: Microterritorialidades LGBTQIAPN+ em Uberlândia-MG



Fonte: Os autores.

A outra tipologia são os “Bares e Boates” (mapa 2). Cinco microterritorialidades foram identificadas: HollyUdi Bar, La Biblioteca Bar, Cecy Bar, Garage Pub & Lounge e Casa Madalena. Denotou-se na distribuição espacial dos lugares que duas regiões se destacam, sendo os bairros Centro e Santa Mônica. Como supracitado, o Centro ainda é um forte polo de comércio e consumo na cidade em horas comerciais, mas expressa na paisagem noturna toda a vivência e circulação de uma vasta gama de grupos e comunidades que procuram lazer e diversão. O bairro Santa Mônica apresenta características similares, pois é um subcentro, contendo o principal shopping da cidade e os centros administrativos como a prefeitura e a câmara de vereadores do município. Há como diferença entre os bairros a presença da universidade federal neste último.

A distinção assim aparecerá não somente na paisagem, como já era de se esperar, mas também na cultura, processo de produção, nas liberdades e nas formas que os sujeitos experienciam e se expressam nos lugares que ocupam. A corporalidade dos sujeitos também se fará distinta entre os lugares, pois a ocupação dos mesmos se dará por uma série de elementos

econômicos e sociais que possibilitam ou provocam a segregação de sujeitos incompatíveis com os frequentadores desses espaços.

Figura 2: Bares e boates LGBTQIAPN+ em Uberlândia-MG



Fonte: Os autores.

Rios e Vieira (2022) deixam claro em sua apreciação sobre duas boates LGBTQIAPN+ em Recife (PE), o quão um lugar que é feito e formatado para a aderência desses sujeitos pode ser ao mesmo tempo pernicioso com corpos que não se adequam à estética do lugar. Postulados alguns princípios, fará-se uma análise das microterritorialidades da comunidade LGBTQIAPN+ em Uberlândia, assim faremos a análise a partir dos bares e boates do grupo.

Os bares HollyUdi Bar, La Biblioteca Bar e Cecy Bar estão localizados no bairro Santa Mônica. O primeiro é um dos mais emblemáticos da cena LGBTQIAPN+ da cidade, por ser nele que eventos destinados à captação de recursos para a realização da Parada da Diversidade, que anualmente ocorre no último domingo de novembro. Distante da centralidade do fluxo noturno, sua localização tem como proximidade apenas um outro bar, porém seu entorno é cercado de outros comércios. Esta questão é importante, pois denota sua força enquanto estabelecimento, não se beneficiando plenamente da especialização comercial que o movimento noturno atrai para o bairro. A paisagem do lugar notadamente demonstra que esta comunidade



é seu público-alvo, pois exibem-se bandeiras, leques e outros símbolos de reconhecimento do grupo, denotando-se o viés do público frequentador.

Os eventos que ocorrem no HollyUdi Bar possibilitam que haja uma pluralidade de sujeitos frequentadores, assim, a presença de gays, lésbicas, travestis e transsexuais masculinos e femininos faz-se presentes. Em uma reflexão interseccional, denotamos que no lugar há a presença de um público majoritariamente branco e cisgênero. É, nesse sentido, perceptível que as expressões culturais, como música, dança e stand-ups da própria comunidade, refletem o público frequentador. Erroneamente, imagina-se popularmente que a cultura do grupo LGBTQIAPN+ é uma globalidade autocentrada com fim em si mesmo, onde não há complexidades em sua estrutura. Porém, ao olharmos criticamente a composição dessas expressões, percebe-se que marcadores sociais são importantes para o entendimento de como são organizados e espacializados esses sujeitos. Como exemplo, coloca-se em comparação a boate Casa Madalena, pois este lugar, apesar de ainda reproduzir aspectos de uma cultura mundializada branca, possibilita e faz parte como uma característica do local, onde o próprio nome expressa, a cultura Ballroom (Ball culture) que tem sua gênese nos LGBTQIAPN+ negros e afro-latinos estadunidenses.

A nomenclatura “Casa”, em si, é uma referência direta a este movimento que inicia-se nos anos 1980-90 e que na atualidade ganhou novos adeptos. Há assim, entre HollyUdi Bar e a Casa Madalena, dois caminhos adotados nas formas e expressões da cultura deste grupo, demonstrando a pluralidade e mesmo a plurivocidade dos sujeitos que o compõem. Certamente, comparar um bar e uma boate não parece justo, posto que são propostas distintas de sociabilidade e diálogo com os frequentadores. Porém, optou-se por expor esses dois lugares primeiro, pois eles nos indicam claramente como a interseccionalidade é expressa nos locais e evidentemente impacta na sociabilidade desses sujeitos.

A Casa Madalena é uma boate localizada no bairro Centro. O nome do lugar remete aos grupos e espaços que dançam o “Vogue”, característica da cultura Ballroom. Na cidade, há grupos que dançam e se apresentam a partir desta cultura. Dentre suas características destacam-se a nomenclatura “Casa” que sintoniza o espectro da arte que elas produzem e reproduzem, e a majoritária presença de sujeitos racializados participando deste movimento. Sendo parte da cultura negra, uma boate que leva este marcador é, em certa medida, um indicador das perspectivas e valores carregados pelo estabelecimento. A Casa Madalena apresenta-se como um ambiente livre de preconceitos e antiracista, o que é um marco positivo, tendo em vista que, por estar no centro e deter preços compatíveis com os estabelecimentos circunvizinhos, possui ainda uma maior presença de pessoas brancas e cisgêneras. A cultura negra, no seu mais amplo



espectro, se faz presente, para além do ballroom, pois há eventos de sonoridade R&B, pop, hip hop e funk com destaques a cantores e, principalmente, cantoras negras.

A proximidade da Casa Madalena com o Garage Pub & Lounge faz da proximidade um elemento essencial no traslado dos sujeitos. Este segundo é a microterritorialidade LGBTQIAPN+ de maior tempo em exercício na cidade. O estabelecimento é essencialmente um bar, porém, sempre houve dentro dele um espaço que simula uma boate. Atualmente, com uma mudança locacional ocorrida em 2023, no interior há dois espaços distintos da área do bar, um dedicado ao Karaokê e outro que é uma boate, com Djs e atrações artísticas deste nicho. Esteticamente, o ambiente não carrega símbolos do grupo como em outros espaços, porém, a permanência dele no período pandêmico, sendo o único espaço voltado a este público (por ser um bar, pôde ser reaberto mais cedo) que permaneceu em atividade, fez dele uma referência na sociabilidade do grupo.

Observa-se, ao ir aos locais de nossa pesquisa, que os lugares do centro exibem uma maior presença de pessoas brancas e cisgêneras em sua completude. Essa característica marca uma forma de organização espacial dos sujeitos deste grupo, mas também baliza como esta comunidade possui similaridade com a própria sociedade com a qual vivemos. A área central da cidade de Uberlândia não é degradada e subjulgada pelo capital, como já havíamos mencionado, é ainda um local de fluxo constante de sujeitos e mercadorias e passa por processos de revalorização de seu ambiente constantemente. Ou seja, os locais que se localizam nesta região reafirmam estas características de poderio econômico que a própria região estabelece. Assim, os lugares LGBTQIAPN+ são subjugados a uma lógica de preço e demanda que a área estabelece. Desta forma, o bar Garage Pub & Lounge é, dos locais estudados, o mais caro deles, possuindo o maior preço das bebidas e comidas ali ofertadas.

Outro elemento a ser considerado é o traslado ao local. Estando no centro, há ainda a necessidade daqueles que não moram nas proximidades de se deslocarem até lá, isto encarece a experiência. Olhando interseccionalmente sobre essas questões, denota-se que nossa sociedade, a população negra, de maneira geral, é economicamente inferior à população branca, isto determina as formas e ambiente que esses sujeitos irão frequentar em sua sociabilidade. Pode-se assim, compreender que o marcador econômico é fundamental também na vivência LGBTQIAPN+ negra, pois ela também está subjulgada à lógica da racialização do sujeito negro que historicamente vem sendo preterido em detrimento da manutenção de um status quo branco, cisgênero, hétero hegemônico.

Contrapondo-se ao Vogue característico na boate Casa Madalena, há no Garage Pub & Lounge shows de “Comedy Queens” (Rainhas da Comédia), que faz parte da cultura drag queen



branca estadunidense. Baliza-se, através destes levantamentos, que os símbolos de representação do grupo na estética do espaço ou nas apresentações culturais, há uma distinção sólida nas formas e sujeitos que exercem sua sociabilidade neles. Certamente, as propostas dos lugares determinam e acionam terça parte daqueles que ali frequentam, porém compreendemos que a cultura LGBTQIAPN+ apresenta contradições em seu âmago que compõem um universo interseccional que irá dimensionar pontos importantes da sociabilidade e consequentemente dos sujeitos que frequentam esses lugares. A exemplo dos lugares supracitados, sendo próximos na localização, apresentam formas e sujeitos frequentadores distintos, tanto por suas propostas quanto pelas expressões culturais intragrupo que decidem tomar como princípio.

O La Biblioteca Bar é, efetivamente, o mais complexo dentre os espaços. A proximidade com outros bares e com a universidade faz dele o mais plural, pois é o que apresenta a maior presença de sujeitos heterossexuais. Em nossas pesquisas, este bar junto ao Garage Pub & Lounge são os espaços que mais houveram menções. A diversidade é sua maior característica, visto que há na paisagem símbolos de representação de diversos grupos, incluindo o LGBTQIAPN+, indicando a diversidade na presença, mas também na proposta do próprio ambiente que pretende absorver uma maior gama de sujeitos e suas vivências. As representações de cultura do universo do grupo em estudo não são propostas pelo estabelecimento, como é o caso dos outros lugares deste estudo, ou seja, não necessariamente é o bar que determina o que da cultura deste grupo será o norteador da sociabilidade desenvolvida.

A pluralidade do bar é um elemento fundamental no entendimento de como este espaço se constitui e como a comunidade LGBTQIAPN+ se insere neste meio. Há entre o bar e seus clientes uma maior interação, um diálogo onde os sujeitos que ali estão determinam quais serão as músicas a serem tocadas, clipes, jogos e programas que passarão nas televisões do ambiente. Esta interação é fulcral, pois, em paralelo, no mesmo espaço, grupos teoricamente opostos convivem e realizam sua sociabilidade a formar uma totalidade. Assim programas como futebol, que são majoritariamente voltados aos homens cisgêneros, passam na televisão ao mesmo tempo que “divas pop” tocam ao fundo com pessoas da comunidade cantando e dançando as músicas.

Indo além, a pluralidade é representada não somente nos símbolos de reconhecimento dos diversos grupos, mas também na interseccionalidade dos sujeitos frequentadores. Marcadores como sexualidade, gênero, identidade e expressões de gênero, e raça não são suficientes para determinar todos os grupos frequentadores, pois há desde estudantes a trabalhadores, de sertanejos a roqueiros e de héteros cisgêneros a transsexuais masculinos e femininos.



Certamente, a especialização comercial do lugar com cinco bares próximos auxilia e mesmo possibilita que os clientes que transitem entre os espaços e procurem aqueles que se adequam mais ao seu gosto e estilo.

Voltando-nos aos marcadores das identidades LGBTQIAPN+, percebe-se que no La Biblioteca Bar é onde encontramos a maior presença de pessoas transsexuais. Aparentemente, isto é apenas simbólico, porém nos aponta à reflexão de como os outros lugares podem ser excludentes com esta parcela da população. Em nossa sociedade, os transsexuais, sobretudo as femininas negras, são as que passam por um processo de exclusão social e econômica que as relegam à prostituição como recurso final para a sobrevivência. Isso é determinante, pois é a partir deste princípio que a sociabilidade delas se configurará, mesmo que intragrupo. Sabe-se que o processo de exclusão ocorre também no interior da comunidade, seja através do viés econômico, como é o caso dos locais do Centro que são ligeiramente mais caros, portanto mais difíceis de acesso, ou seja pelo próprio preconceito que as cisgêneridades possuem com as transsexualidades, excluindo-as dos seus lugares de sociabilidade, seja de forma clara e direta sendo preconceituosos ou indiretamente sendo vexatórios.

Por fim, há o Cecy Bar. Deixou-se ele como último por ser o mais distinto entre eles, pois é o único lugar lésbico da cidade. A estética do espaço carrega símbolos de reconhecimento do grupo como nenhum outro, sobretudo da lesbianidade. É também, dentre os lugares, o de menor fluxo e por isso muito utilizado para encontros e paqueras de pessoas LGBTQIAPN+. Os outros símbolos de reconhecimento, como as músicas, clipes e programas, também compõem a dinâmica cotidiana do espaço. Para além dos sujeitos e da paisagem do local, o bar é como outros, não possuindo grandes diferenças com outros comuns a qualquer município. Os sujeitos que frequentam o bar são majoritariamente lésbicas e gays. Nota-se que este espaço dialoga em grande medida com outros espaços dedicados a vivências de mulheres lésbicas, visto que a sociabilidade delas é mais bem estruturada, quando em paralelo com a sociabilidade gay, ou seja, demanda de lugares para sentar, beber e jogar sinuca e outros, bem como a musicalidade que é reproduzida no ambiente denotam as preferências dessa parcela da comunidade.

Ir e frequentar essas microterritorialidades LGBTQIAPN+ é uma tarefa de extrema necessidade, sobretudo, tendo em vista a complexidade e a multiplicidade de características que os marcadores sociais que determinam a comunidade apresentam. Objetivamente, considerou-se apenas as territorializações que possibilitam ou que são determinadas pela presença (ou possibilidade de) de todos os que compõem a sigla possam transitar sem nenhum tipo de impedimento ou constrangimento tangível. Inegavelmente, a presença de pessoas trans nos espaços é mais escassa do que a de outras identidades, tendo em vista as questões econômicas



e sociais que recaem sobre seus corpos com maior peso e dolo que sobre os outros. Ter apenas um lugar comandado e voltado às lésbicas é uma característica que nos levanta questionamentos. As diferenças salariais de gênero no Brasil são uma realidade palpável, o que pode nos aproximar de uma resposta. Refletindo sobre a própria composição do capitalismo e da forma com que o bar dialoga com a comunidade, observa-se que a busca por lucro e acúmulo de capital faz com que locais que dialoguem com um público maior (como o gay que é maioria) sejam o caminho mais adotado por empresários que tomam o grupo como alvo. Isso talvez explique também o número significativo de microterritorialidade afetivo-sexuais para gays na cidade.

Comparativamente, os bairros Centro e Santa Mônica exercem forças opostas na concepção dos frequentadores. O primeiro é determinado por uma representação do grupo LGBTQIAPN+ que liga com uma cultura de comunidade globalizada, tendo em sua dinâmica o espelhamento daquilo que se vê em outros países e popularizados pelas redes sociais. Danças como Vogue, dinâmicas drag queens e outras são parte da cultura do grupo que advém dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, e que na cidade fazem parte da construção da sociabilidade desses sujeitos. Percebe-se assim nos locais desta região esta ligação cultural, onde global e local se confundem na dinâmica cotidiana dos estabelecimentos. Majoritariamente, os sujeitos gays cisgêneros brancos são os que mais procuram ou os que mais marcam suas experiências nesses locais através dessas representações.

Os locais no bairro Santa Mônica são opostos a esse universo, no sentido de ser mais plural e voltado a experiências e cultura do grupo que estão vinculados a uma vertente universitária da sociabilidade. A imediação dos bares com a universidade federal denota uma clara interseção entre as formas e sistemas com que os estudantes se socializam e como isso impacta no grupo. Há, nesse sentido, uma interação entre a presença de sujeitos LGBTQIAPN+ e das pessoas heterossexuais nesses espaços. Evidentemente, isso fica mais claro no La Biblioteca Bar, onde o mesmo funciona como um ponto de referência dos estudantes da universidade, bem como um ponto de encontro desta comunidade. A característica mais progressista pela qual a universidade é popularmente acusada apresenta-se como uma possibilidade de reflexão para essa interação. Acredita-se que isso seja fundamental, pois levanta o respeito à diversidade como norma de conduta central nos espaços em que há pessoas deste grupo.

Observou-se nas microterritorialidades dissidentes que cada um expressa características próprias não replicadas. Notou-se que a sociabilidade como um princípio da formação delas é determinante para formas e funções desses espaços, que em última instância são os locais de



formação política, de tomada de consciência e construção da cultura de um grupo que se vê tão marginalizado socialmente, com falta de reconhecimento e direitos na forma de leis de proteção e, em muitos casos, com a falta de oportunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui delineada demonstrou que as microterritorialidades LGBTQIAPN+ são múltiplas e compreendem um largo espectro de suas vivências. A sociabilidade como um fomento à reunião promove um ‘para além’ em suas experiências, visto que muitos dos lugares identificados são locais de formação política deste grupo. Através de financiamento de movimentos como as “Paradas da Diversidade” e/ou apoio à cultura, os bares e boates são agentes na reprodução da comunidade enquanto agentes culturais e políticos. A espacialidade dos lugares não acompanha a lógica de crescimento da cidade, organizando-se onde há o maior fluxo dessas pessoas, efetivamente onde a paisagem noturna permite uma maior liberdade a essas identidades.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani A. A cidade. 8. Ed. São Paulo: **Contexto**, 2005, 98p.

CAVALCANTI, J. H. X. Lugares e sociabilidade LGBTQIAPN+ em Uberlândia. **Brazilian Geographical Journal**, Ituiutaba, v. 15, n. 2, p. 159–176, 2024. DOI: 10.14393/BGJ-v15n2-a2024-75921. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/braziangeojournal/article/view/75921>. Acesso em: 16 set. 2025.

CORTÉS, J. M. G. Políticas do espaço: Arquitetura, gênero e controle social. **Editora Senac**: São Paulo-SP, 2008, 215p.

COSTA, B. P. da; HEIDRICH, Á. L. **Além da sociedade - os dramas e os conflitos do espaço social: o exemplo das microterritorializações homoeróticas**. IX Colóquio Internacional de Geocrítica: los problemas del mundo actual. Soluciones y alternativas desde la geografía y las ciencias sociales. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2007. Disponível em: < <https://www.ub.edu/geocrit/9porto/benhur.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

DAVI, E. H. D. Resistências e recusas: a cultura LGBT contrapondo-se a homofobia em Uberlândia. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia/MG, v. 24, n. 1, p. 141-161, Jan./Jun. 2011. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/14221/8145>>. Acesso em: 13 mar 2023.



FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de SÃO PAULO**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP. 2006, p. 257. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-141155/publico/TESE_ISADORA_LINS_FRANCA.pdf >. Acesso em: 23 maio 2023

FREITAS, B. de; PORTUGUEZ, A. P. Sexualidade, Preconceito e Perfil Socioeconômico dos Frequentadores das Áreas de Lazer e/ou Turismo LGBT em Uberlândia, MG. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 222 - 240, jan. / jul. 2015. Disponível em: < https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/6035/pdf_166 >. Acesso em: 23 maio 2023.

FREITAS, Bruno de. **Cidade, Gênero e Sexualidade: Territorialidades LGBT em Uberlândia, MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 193p. 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16247> >. Acesso em: 23 maio 2023

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. - São Paulo: **Atlas**, 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados. Brasília, DF: IBGE, 2023. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama> >. Acesso em: 13 mar 2023.

MAIA, R. C. M. Sociabilidade: apenas um conceito? **Revista de Comunicação Social**, Belo Horizonte. n. 53, p. 4-15, 2001. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/317051024> >. Acesso em: 17 set 2025.

MOTA, Cássio Henrique Naves. **Espaço urbano e subversão pela existência corporificada Queer em Uberlândia/MG**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 175. 2019.

MOTA, C. H. N.; LAURENTIZ, L. C. de. Micropolíticas LGBT no Espaço Urbano de Uberlândia- MG. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura E Urbanismo**, v.19, n.1 JAN./JUN, 2019, p. 51-61. ISSN 1809-4120. Disponível em: <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/12109> >. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.5935/cadernosarquitetura.v19n1p51-61>.

MÜLLER, L., MACHADO, G. E., FOLMER, I. Práticas homossexuais em ambientes públicos do interior do RS: espaços da sexualidade em microterritórios. **Revista Debates Insubmissos**. Caruaru-PE, Ano 4, v. 4, nº 15, set./dez. 2021. ISSN: 2595-2803. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>>. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.32359/debin2021.v4.n15.p117-135>.

PATRÍCIO, João Victor Sanches. As Margens são Centros: as diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay na Área Central do Rio de Janeiro. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 2, n.4, p. 95-117, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-6>.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

RIOS, L. F., VIEIRA, L. F.; Sobre a ‘mundiça’ e as ‘bichas cocotes’: georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife. **Revista Periódicus**, n. 18, v. 1, out./dez.2022 p. 217-250, ISSN: 2358-0844. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/49832> >. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i18.49832>.